



ALEIKHEM, Scholem. *Tévyé, o leiteiro*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2012. 272p.

## Quem precisa de um buraco na cabeça?

Cíntia Moscovich\*

Quem, na segunda metade dos anos 60, conviveu com ou viveu no meio da gente do Bom Fim, do Bom Retiro, da Praça Onze — ou de qualquer lugar do país no qual se houvessem estabelecido famílias judias — deve se lembrar de ter visto nas prateleiras de casa aqueles 13 volumes de capa dura e negra, lombadas com faixas vermelhas e inscrições em dourado: a “Coleção Judaica”.

Pois foi vendendo em parcelas aquela enciclopédia de assuntos judaicos que sequer existia — mas que veio a frequentar as prateleiras no espaço de quatro anos — que Jacó Guinsburg, um dos maiores intelectuais e empreendedores da causa da literatura e do teatro que o país já conheceu, fundou a Editora Perspectiva (a mesma da “Coleção Debates”). Abrangendo desde literatura talmúdica até expressões do pensamento filosófico e religioso, a “Judaica” participou da formação intelectual, identitária e afetiva de judeus e não judeus, contando com colaboradores do naipe de Anatol Rosenfeld, Willem Flusser, Otto Maria Carpeaux, Bóris Schnaiderman, entre outros.

Agora, aos 91 anos, conhecido como professor da USP, crítico teatral e editor, Jacó Guinsburg acaba de dar ao Brasil a tradução, direto do iídiche, (“transposição” seria mais justo) de *Tévyé, o leiteiro*, obra-prima de Scholem Aleickhem, pseudônimo do escritor russo-ucraniano Scholem Rabinovitch, e que se traduz como “A paz seja convosco, saudação fraterna e auspiciosa”.

Com linda sobrecapa e ilustrações a bico de pena de Sergio Kon, a edição impressiona por vários aspectos, mas, sobretudo, por manter uma fidelidade implícita ao original, feito que ultrapassa o conhecimento da língua de partida e o domínio da língua de chegada: trata-se de fazer entender a alma e o riso de um povo.

Nascido em 1859, na região de Poltava, autor de livros para crianças e para adultos, Scholem Aleickem escreveu suas obras de juventude em russo, língua oficial, e em hebraico, idioma da liturgia e das ocasiões de solenidade (ainda menino, fez um glossário em ordem alfabética das maldições e xingamentos em iídiche que sua madrasta era capaz de declinar).

O iídiche, que embora escrito com caracteres hebraicos, se havia desenvolvido do germânico e do eslavo a partir do século 10 na Europa central e oriental, era considerado pouco nobre. Entre os judeus mais instruídos, nada mais era que um “jargão”, idioleto de caráter utilitário, que facilitava a comunicação nos *shtetlekh* (plural de *shtetl*, aldeia judia). Foi então que o jovem Scholem Rabinovitch, acompanhando o sucesso de uma publicação em iídiche, percebeu que nem o russo, que virava moda entre a nascente burguesia judaica, tampouco o hebraico, cujo léxico ainda era reduzido, ofertava tão rico material para um ficcionista. Com fortes componentes afetivos, ambiguidades expressivas torneadas, enviesadas e irônicas, as particularidades do idioma se acentuavam ainda mais com seu forte apelo à oralidade. Com a errância de seus falantes e mesmo sem uma normatização que o estabelecesse, o iídiche tornou-se patrimônio e pátria fáceis de levar em rotas de fuga — e fugas havia para todos os lados do grande império russo. Bem dizer, não havia lugar naquela parte da Europa em que não existisse pelo menos um *id*, um judeu, falante da língua.

Compreendendo esses valores transcendentais, disposto a que todos o entendessem, "inclusive as mulheres", Aleikhem adotou o pseudônimo que determinaria seu destino. A partir dali, escreveu somente na *mame-luschen*, que significa "língua-mãe", uma das maneiras como o iídiche tornou-se conhecido no *goles* (ou *galut*, diáspora) dos judeus *ashquenazim* (*Ashquenaz* é o antigo nome hebraico dado à Alemanha). Foi assim que compôs (pelo menos) três tipos extraordinários: Motl Peissi, o filho do chantre, Menahem-Mêndel, o aventureiro investidor da bolsa de valores, e Tévy, o leiteiro, que rendeu adaptação na Broadway (desdobramento do teatro iídiche) e em Hollywood, com *O violinista no telhado*, interpretação memorável de Chaim Topol (que continuou em turnês com o musical pelo mundo inteiro).

Otto Maria Carpeaux, em ensaio a um volume de contos traduzidos por Guinsburg para o cinquentenário de morte de Aleikhem, em 1966, relembra que a realidade dos judeus na Europa Oriental era o *shtetl* e seus personagens obrigatórios: o mestre-escola, o rabino, os pequenos comerciantes, o novo-rico, o azarado, a casamenteira, o *shoichet*, que cuidava dos abates conforme a lei, o *mohel*, que fazia as circuncisões — e mais o *schnorrer*, aquele sujeito sem eira nem beira, que vivia de favores. Foi esse mundo, em que os judeus se amparavam um ao outro e no qual o iídiche funcionava como amálgama, que Scholem Aleikhem colocou Tévy como leiteiro. Admirado por escritores como Gorki e Mark Twain, que conheciam sua obra por diversas traduções, Scholem Aleikhem gozava de imenso prestígio, que levou consigo ao emigrar para os Estados Unidos. Quando o mundo do *shtetl* foi arrasado pelas *pogroms*, pelos embates civis da Revolução Russa, pela fúria nazista, somente restou o transcendente: a literatura. No caso, a literatura iídiche, da qual Scholem Aleikhem é uma das figuras mais importantes, junto a Peretz, Anski, Mêndele e Berguelson, linhagem que, na América, foi dar em nomes como I. B. Singer e Philip Roth. (Quanto ao iídiche, a vinda para o mundo novo, no qual os judeus tinham pressa de se adaptar, e a escolha do hebraico para ser a língua oficial do Estado de Israel, fizeram com que minguasse o número de falantes.)

Para compor seu Tévy, Aleikhem dividiu a obra em diversos episódios, nos quais um narrador em primeira pessoa tece os fios de um solilóquio. Citando as escrituras de forma meio desajeitada, Tévy resume o drama dos judeus, cidadãos de segunda classe apartados do mundo do trabalho regular. O leiteiro conversa com o próprio Scholem Aleikhem, seu criador, interlocução de fonte única, bem entendido, já que o autor está por demais ocupado criando seu personagem. Também com Deus há longas ponderações e um tanto de queixas — que se vão adensando à medida que os problemas, e eles são muitos, se apresentam.

Tévy é um *schlimazl*, um azarado. Suas filhas, uma a uma, partem de casa e rompem com a tradição. Ele perde sua mulher. O cavaleiro que puxa a carroça vive exausto. Mas Tévy (que se traduziria por Tobias, mas então não teria a mesma graça) seca as lágrimas e ri. A cada filha que parte, ele ergue os olhos aos céus e se queixa. E se resigna. Essa resignação, a de acatar os fatos incontornáveis, emparelha a humanidade do leitor à condição humana de Tévy, criando um vínculo estreito entre ambos. E o encantamento surge quando Tévy, na humildade de ser um homem, se mostra irônico, mas, em igual medida, desejoso de vida. Scholem revestiu seu personagem da alegria mística e transcendente do hassidismo: Tévy é alegre pelo dom da vida em si, que é sagrado; e o riso que lhe surge entre lágrimas é o resumo da própria vida.

J. Guinsburg, como costuma assinar, nasceu em 1921 em Riscani, na Bessarábia — mesma região de onde veio a família do saudoso Moacyr Scliar — e emigrou para o Brasil logo cedo. É um dos poucos judeus no Brasil que dominam o iídiche e, com absoluta certeza, o único que reunia condições intelectuais, vivência e conhecimento linguístico para traduzir *Tévy*. Quem lê o livro agora transposto, compreende um outro aspecto: Guinsburg, além de todo o estofo e erudição, possui também virtudes essenciais, como a elegância respeitosa, a sobriedade na construção das frases e um humor tão fino quanto oblíquo.

Impressiona como o tradutor mantém alguns hebraísmos e eslavismos que não encontram equivalente justo na língua de chegada. Em ensaio introdutório, a professora Berta Waldman, titular de Língua e Literatura Hebraicas da USP, observa que Guinsburg reconstrói a sonoridade do iídiche no português, “introduzindo um grau de estranhamento na língua de chegada”. Esse estranhamento, ainda segundo a professora, se deve ao fato de a força da obra recair sobre o conjunto do texto, sua materialidade e expressão, que são estritamente estrangeiras: é como se Guinsburg contaminasse de iídiche o português. Impressiona sob todos os aspectos — e se usa novamente o verbo “impressionar” de propósito, porque já não se trata somente de conhecimento, mas de profunda sabedoria.

Nos agradecimentos da nova versão, Jacó Guinsburg menciona a esposa, Gita, familiares e Abrão Slavutzky, que fizeram com que Tévye chegasse ao Brasil. Foi um *tzore* (ou *tsure*), um problemão, fazer com que Tévye frequentasse nossas prateleiras ao lado da “Coleção Judaica”. Escreve Guinsburg: “*Ich hob dos gedarft hobn vi a lokh in kop*”. Ou: “Eu precisava disso como de um buraco na cabeça”. Talvez ninguém precise de um buraco na cabeça, isso é certo. Mas os leitores brasileiros, judeus ou não, precisavam dessa versão como de um coração no meio do peito.

Scholem Aleikhem, *pani* Guinsburg.

-----

\*\* **Cíntia Moscovich** é escritora, tradutora e professora. Publicou, entre outros títulos, *Essa coisa brilhante que é a chuva*, *Por que sou gorda, mamãe?* e *Arquitetura do arco-íris*.